

---

**Gênero e sexualidade na FAGED/UFC: silenciamentos e resistências na formação de estudantes**

---

**Gender and sexuality in FAGED/UFC: silencing and resistance in student education**

---

**Género y sexualidad en la FAGED/UFC: silenciamientos y resistencias en la formación estudiantil**

---

Parente, Orleans Alves<sup>1</sup> (Fortaleza, CE, Brasil)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0968-4982>  
Almeida, Ronaldo de Sousa<sup>2</sup> (Fortaleza, CE, Brasil)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1786-2152>

**Resumo**

O presente artigo objetiva discutir como (e se) as questões de gênero e sexualidade na educação são abordadas no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, enquanto universidade pública brasileira, a partir da visão de estudantes do último semestre do curso. Para tanto, o estudo se debruça sobre a incidência que tais questões tiveram durante o curso, com destaque para as áreas, as disciplinas, os projetos e a abordagem, identificadas pelos estudantes. Com base nos dados coletados, a pesquisa mostra que estudantes do último semestre têm poucas e, ou, rasas discussões sobre a temática, além de representações homofóbicas nos discursos de docentes e de discentes do curso. Tal evidência ressalta a importância da atuação do corpo docente do curso em questão, e das demais licenciaturas, a fim de atentarem para a importância do trabalho pedagógico relativo a esses temas à formação docente inicial.

**Palavras-chave:** Curso de Pedagogia. Educação. Gênero. Sexualidade.

**Abstract**

This article aims to discuss how (and if) gender and sexuality issues in education are addressed in the Pedagogy course at the Federal University of Ceará, as a Brazilian public university, from the perspective of students in the last semester of the course. Therefore, the study focuses on the impact that such issues had during the course, with emphasis on the areas, disciplines, projects and approach identified by the students. Based on the data collected, the research shows that students in the last semester have few and/or shallow discussions on the subject, in addition to homophobic representations in the speeches of professors and students of the course. Such evidence emphasizes the importance of the performance of the faculty of the course in question, and of other degrees, in order to pay attention to the importance of pedagogical work related to these themes in the initial teacher training.

**Keywords:** Pedagogy Course. Education. Gender. Sexuality.

**Resumen**

Este artículo tiene como objetivo discutir cómo (y si) las cuestiones de género y sexualidad en la educación son abordadas en el curso de Pedagogía de la Universidad Federal de Ceará, como universidad pública brasileña, desde el punto de vista de los estudiantes en el último semestre del curso. Para ello, el estudio se centra en el impacto que tales temas tuvieron durante el curso, con énfasis en las áreas, disciplinas, proyectos y enfoques identificados por los estudiantes. A partir de los datos recopilados, la investigación muestra que los estudiantes del último semestre tienen pocas y/o superficiales discusiones sobre el tema, además de representaciones homofóbicas en los discursos de profesores y estudiantes del curso. Tal evidencia enfatiza la importancia del trabajo del profesorado de la carrera en cuestión, y de las demás licenciaturas, a fin de prestar atención a la importancia del trabajo pedagógico relacionado con estos temas para la formación inicial docente.

**Palavras-Clave:** Curso de Pedagogía. Educación. Género. Sexualidad.

---

<sup>1</sup> Pedagogo. E-mail: [orlexcx@gmail.com](mailto:orlexcx@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor Adjunto do Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação (FAGED) da Universidade Federal do Ceará - UFC. E-mail: [ronaldoalmeida@ufc.br](mailto:ronaldoalmeida@ufc.br)

---

## Introdução

O presente artigo objetiva discutir como (e se) as questões de gênero e sexualidade na educação são abordadas no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, enquanto universidade pública brasileira, a partir da visão de estudantes do último semestre do curso. Os dados aqui presentes foram extraídos de uma monografia que analisou os distanciamentos e as aproximações entre experiências de estudantes do último semestre do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (FACED/UFC) sobre as questões de gênero e sexualidade na educação, bem como as crenças, as expectativas e as ideias que estudantes do primeiro semestre possuem sobre a abordagem desse mesmo tema no curso.

Aqui, o objetivo é dissertar sobre a importância de discutir questões de gênero e sexualidade na educação na formação docente inicial. Para tanto, o presente texto analisa somente alguns dos relatos de estudantes do último semestre do curso de Pedagogia da FACED/UFC que responderam a seguinte pergunta: “Existe algum tema específico dentro das questões de gênero e sexualidade na educação que foi abordado durante o curso? Se sim, como esse tema foi abordado e em quais áreas/disciplinas? Se não, em quais áreas/disciplinas o assunto poderia ter sido abordado e de que forma?”. Antes de apresentarmos os resultados desse levantamento, é oportuno situar a centralidade do debate de gênero e sexualidade.

## Desenvolvimento

Até meados dos anos 1980, as pesquisas feministas carregavam uma forte dualidade entre os conceitos de “sexo” e de “gênero”, sendo o primeiro comumente referido a natureza (biologia) e o segundo alusivo as relações sociais entre homens e mulheres (cultura), caracterizando as principais discussões da primeira e segunda onda do feminismo ocidental.

Nos estudos da categoria sexo, Simone de Beauvoir é conhecida por ter abordado o tema em sua obra publicada originalmente em 1949, “O Segundo Sexo” (BEAUVOIR, 1949), dissertando sobre a opressão masculina na sociedade. Como argumentação teórica, a autora analisa questões da literatura, dos mitos e da própria história das relações sociais entre homens e mulheres.

Por sua vez, Joan Scott publicou, em 1986, o artigo “*Gender: a useful category of historical analysis*” na revista *American Historical Review* escrevendo sobre a importância de utilizar a categoria gênero para compreender como se constroem as diferenças e relações hierárquicas entre homens e mulheres na sociedade, sugerindo que “qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro” (SCOTT, 1995, p. 75).

Em seus escritos, há uma crítica às abordagens feministas anteriores que, segundo a autora, se preocupavam apenas em apontar e descrever a existência dos fenômenos de diferenciação e opressão entre os sexos na sociedade, mas carecendo de interpretação e explicação para atribuir uma causalidade aos fatos sem se preocupar em discutir como e por que os fenômenos tomam as formas que têm (SCOTT, 1995).

Entre explicações sobre a origem do patriarcado e outras abordagens na análise de gênero e de sexo, o gênero enquanto categoria analítica – antes comumente tratada enquanto uma subcategoria dentro dos estudos marxistas – emergiu nos anos 1980 como uma “tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para sublinhar a incapacidade das teorias existentes para explicar as persistentes desigualdades entre as mulheres e os homens” (SCOTT, 1995, p. 85).

No mesmo período histórico havia questionamentos sobre as relações afetivo-sexuais nos âmbitos público e privado. Logo, iniciavam-se os questionamentos acerca da virgindade feminina enquanto valor; sobre o ato sexual servir não apenas como forma de reprodução humana, mas também como fonte de prazer feminino; e, iniciou-se o processo de comercialização da pílula anticoncepcional, ou seja, os questionamentos sobre o gênero chegaram até a sexualidade e ao ato sexual em si, fomentando ainda mais a discussão acerca dos papéis sociais até então cumpridos por mulheres e homens na sociedade (JACÓ-VILELA; CURADO, 2021).

Sobre sexualidade, faz-se necessário recorrer a Foucault (1976), que a trata como um dispositivo histórico cunhado pela burguesia em meados do século XVII para afirmar sua supremacia, pois “a valorização de seus prazeres e a proteção de seu corpo contra perigos e contatos, além de garantirem seu vigor, descendência e longevidade, serviam como emblema de respeito e poder social” (CIRINO, 2007, p.

81). Estabelecendo assim, além de uma dominação econômica, uma dominação física, pois a sexualidade hétero era garantia de um organismo são e saudável. Logo, superior.

Não por acaso, ainda são muitos os desconhecimentos sobre essa pauta no nosso país e a sociedade parece temer tais discussões, pois existe o medo de que a simples menção a tais assuntos possa “recrutar” jovens inocentes e os transformar em homossexuais e, em suma, a pauta sobre gênero e sexualidade ainda é considerada predatória, perigosa e contagiosa, assim como as pessoas que promovem estas discussões (BALIEIRO, 2018).

### **Materiais e métodos**

O estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa e possui um caráter exploratório a fim de proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo mais explícito, ascendendo uma discussão no campo da educação e da Pedagogia, com ênfase na formação docente inicial em nível superior. Nesse sentido, a presente pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica dos dados colhidos, mas sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma determinada localidade, entre outros (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Com o objetivo de ouvir as pessoas a quem o currículo do curso de Pedagogia da FAGED/UFC se direciona, foi elaborado um formulário *online* do *Google* buscando verificar, entre outras coisas, se estudantes do último semestre do curso tiveram alguma experiência no ensino, pesquisa e extensão na FAGED/UFC sobre questões de gênero e sexualidade.

A monografia a qual o presente artigo faz referência foi realizada com 40 estudantes dos cursos de Pedagogia da FAGED/UFC, sendo 20 estudantes matriculados no primeiro semestre e 20 estudantes que estão, na data de coleta de dados da pesquisa (setembro e outubro de 2020), cursando seu último semestre antes da colação de grau do curso. Entretanto, os relatos aqui presentes são somente de 5 estudantes do último semestre do curso.

Devido ao cenário social em que o país se encontrava durante a elaboração da monografia aqui referenciada decorrente da pandemia causada pela SARS-Cov2/Covid-19, o contato com os sujeitos de pesquisa cujos relatos compõem o

presente artigo foi feito via aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*.

Assim, a análise de dados qualitativos da presente pesquisa é feita de modo a contemplar o conteúdo das respostas de estudantes participantes, pois os textos de respostas foram examinados dentro do contexto proposto pela pesquisa, que se trata da abordagem das questões de gênero e sexualidade na educação dentro do currículo do Curso de Pedagogia da FAGED/UFC.

## Resultados e discussões

Sendo um curso de licenciatura, a Pedagogia tem como principal objetivo formar profissionais docentes para atuar na Educação Básica. Nesse caso, o curso é focado na formação docente para a Educação Infantil e para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. De acordo com o Censo da Educação Superior de 2017, as matrículas nos cursos de licenciatura em Pedagogia de todo o país contavam com 710.855 estudantes, representando um total de 44,7% do total de alunos matriculados em cursos de licenciatura nas instituições de nível superior do país (MEC, 2017).

Outros resultados da mesma pesquisa também mostram que o curso de Pedagogia está no topo do *ranking* no que diz respeito ao número de mulheres matriculadas; de acordo com o MEC (2017), elas ocupavam 92,9% do total de vagas ofertadas, em instituições públicas e privadas, totalizando 660.917. Consequentemente, esses dados refletem no curso de Pedagogia da FAGED/UFC fazendo que essa pauta seja discutida durante as aulas:

A pouca presença do professor homem (cis) na educação infantil foi um assunto comentado. Abordado na disciplina de Educação Infantil, no entanto, de forma superficial. Tendo maior ênfase, na questão de a mulher ser vista como mais adequada a função. Logo, a discussão tem sido mais focalizada no gênero feminino (mulher cis) e a relação de subalternidade da classe de profissionais que trabalham com a primeira infância. (Estudante A)<sup>3</sup>

O conceito de “divisão sexual do trabalho” (OLIVEIRA *et al.*, 2021) traz alguns subsídios para essa discussão, pois trata de analisar como essa divisão causa uma distribuição desigual de homens e de mulheres no mercado de trabalho, causando uma hierarquização de atividades. No caso da docência, quanto menor a idade do público-alvo na educação básica, menor é o salário e a presença masculina nesses espaços, como mostra uma pesquisa do Anuário Brasileiro da Educação

---

<sup>3</sup> As falas dos estudantes estão em itálico para diferenciá-las das citações diretas que também possuem recuo no corpo do texto.

Básica de 2019 ao constatar que mulheres representam 96,6% da docência na Educação Infantil. O dado simboliza a construção histórica da imagem feminina como um ser humano maternal e, conseqüentemente, apto a lidar com crianças e a educá-las.

Apesar de promissoras e conectadas com a realidade dos cursos de Pedagogia do Brasil, nas discussões mencionadas acima, o depoimento dos(as) participantes revela a incipiente ocorrência desses debates no itinerário formativo. A presença de discussões mais aprofundadas sobre gênero e sexualidade na educação, durante o curso, são, em suma, fomentadas por estudantes quando há oportunidade:

O tema foi debatido de forma superficial/transversal em inúmeras disciplinas no decorrer de minha formação sempre a partir de questões suscitadas pelos próprios alunos e não proposto pelo professor, inclusive a discussão mais efetiva acerca de questões ligadas à gênero e sexualidade, aconteceu justamente na apresentação de uma equipe que aproveitou a oportunidade de ter um seminário de tema livre e resolveram abordar esse tema de forma mais profunda inclusive trazendo convidados com experiência de causa/vida sobre o assunto. (Estudante B)

Analisando o Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso de Pedagogia da FAGED/UFC, é constatada a ausência de disciplinas com foco nas questões de gênero e sexualidade na educação. Até a coleta de dados utilizados na presente pesquisa, o curso não possuía nenhum grupo de estudo, pesquisa ou extensão e disciplinas obrigatórias com foco em tais questões.

Das disciplinas eletivas, há três que trazem propostas de discussões sobre a temática, seja em suas ementas, objetivos ou bibliografias, mesmo este não sendo o foco principal – são elas Educação em Direitos Humanos, Formação Intercultural e Identidade, Diferença e Diversidade (FAGED/UFC, 2013). Sabendo disso, há um relato que menciona uma destas disciplinas eletivas citadas:

Em Educação dos Direitos humanos, com a professora X<sup>4</sup>. Foi abordado uma discussão sobre a temática mais relacionado ao casamento homoafetivo, houve texto base, e seminário sobre o tema, mas no geral ficou a impressão de imparcialidade, a discussão foi rasa. Na cadeira de formação intercultural houve um estudo um pouco mais aprofundado, a discussão era frequente em diferentes aulas, houve textos base, assim como foi convidada uma pesquisadora da área para apresentar temática. Foi abordado a diferenciação entre sexo, sexualidade e gênero, o preconceito que envolve todas elas, principalmente com pessoas trans. A meu ver, foi trabalhado o básico da temática, não foram muitos assuntos relacionados a temática, mas foi bem debatido, e fundamental para tirar dúvidas. No mais, existem comentários bem rasos em relação a temática ao longo do curso, mas geralmente mais

---

<sup>4</sup> O nome exposto foi substituído pela letra "X" por questões éticas de pesquisa.



parecem uma reprodução do senso comum, infelizmente já presenciei comentários homofóbico em forma de "piada" por professores e estudantes do curso durante as aulas. É um tema ainda pouco conhecido e discutido na faculdade de educação, o que é inadmissível visto se tratar de uma faculdade de educação. (Estudante C)

A reprodução do senso comum e a propagação da LGBTfobia recreativa por parte de discentes e docentes da instituição relatadas acima, além de intoleráveis em um ambiente acadêmico de formação docente, sintetizam toda a pesquisa de monografia, à qual o presente artigo faz referência. A pesquisa mostra que os assuntos referentes às questões de gênero e sexualidade na educação na FACED/UFC são poucas vezes abordados e quando são, ora carecem de aprofundamento teórico-metodológico, ora são estudantes as figuras responsáveis por trazerem o debate.

Além disso, os comentários homofóbicos presentes nesse contexto são ainda mais comuns na educação básica, como mostra uma pesquisa realizada em 2016 pela Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT), os índices de LGBTfobia no ambiente escolar são alarmantes, levando estudantes a serem agredidos e assediados sem que a gestão escolar comunique seus responsáveis e/ou procure mecanismos para combater esse tipo de violência, além de mostrar um despreparo por parte dos profissionais da educação básica em tratar estas questões (ABGLT, 2016).

A violência física, verbal e psicológica que participantes da pesquisa acima relataram sofrer está associada a uma suposta norma social que naturaliza as identidades hétero e masculina (e quase sempre tendo como referência a branquitude) denominada de *heteronormatividade*; que dita as regras do jogo do que é ser e se comportar como homem ou mulher na nossa sociedade. O termo *heteronormatividade* foi cunhado por Warner (1991) para descrever a ordem social que impõe aos sujeitos modos de ser e de viver como homens e como mulheres. Logo, a *heteronormatividade*

estabelece que expressões de gênero e sexualidade são consideradas normais e quais não o são, constituindo não somente os heterossexuais, mas também os próprios homossexuais como sujeitos anormais e falhos [...], pois para que heterossexuais possam adquirir inteligibilidade é necessário que sejam comparados e ligados a homossexuais, criando uma hierarquia social entre eles, demonstrando que a heteronormatividade regula e controla tanto heterossexuais quanto homossexuais. (POMPEU; SOUZA, 2019, p. 649).

Ou seja, essa dinâmica tem como um dos seus pilares o dualismo hétero/homo, de forma que a heterossexualidade é priorizada, primada e naturalizada, enquanto a homossexualidade é vista como um desvio de conduta. O padrão heterossexista não se constrói somente priorizando a heterossexualidade, ele é acompanhado por uma “rejeição da feminilidade e da homossexualidade, por meio de atitudes, discursos e comportamentos, não raro, abertamente homofóbicos” (JUNQUEIRA, 2010, p. 214).

A *heteronormatividade* presente no imaginário, nas representações e nas ações pedagógicas da FAGED/UFC, são materializadas da seguinte forma: ausência de discussões mais aprofundadas propostas por docentes sobre as questões de gênero e sexualidade na educação; na reprodução do senso comum em algumas abordagens; e, na LGBTfobia presente (consciente ou inconscientemente) que ora impede, ora invisibiliza o debate. Na maioria das vezes, os estudantes acionam sua experiência escolar recente na educação básica e parecem tentar quebrar o ciclo de silenciamento vivido sobre essas questões.

Na escola, a situação também não é diferente. A depender do contexto, dificilmente se abordam questões de gênero e sexualidade no currículo e, quando isso é permitido, o assunto é tratado transversalmente em sala de aula e comumente no campo das ciências biológicas. O tema assume uma tônica a-histórica e com um viés preventivo da sexualidade dita como precoce, como é o caso de boa parte da proposta da atual Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que, além disso, excluiu os temas “orientação sexual” e “identidade de gênero” em sua versão final, pelas razões já apresentadas.

A temática de gênero e sexualidade está presente nos discursos dos alunos, nas relações interpessoais, nas aproximações afetivas, nos grafites dos banheiros e nos conflitos que emergem no ambiente escolar e na Universidade. Apesar disso, o currículo oficial e, conseqüentemente, as práticas pedagógicas dos docentes seguem ignorando, parcial ou totalmente, os conflitos e discussões que ocorrem entre estudantes. Sobre a relevância e a abrangência da temática nas instituições de ensino, Louro (2014, p. 135) destaca “[...] e não apenas aí, elas estão também de fato nas salas de aula – assumidamente ou não – nas falas e atitudes das professoras, dos professores e estudantes”; ou seja, as questões sempre surgirão.



---

Além disso, há outro relato que remete à importância de discutir questões de gênero e sexualidade na educação em um curso de Pedagogia:

A temática foi mencionada de forma rasa na disciplina de Educação Infantil e em seu Estágio Supervisionado, especificamente sobre a questão das cores e do brinquedo, estes que, socialmente, são fortemente classificados como sendo de "Meninas" "meninos". Entretanto, compreendo que essa discussão ainda que importante, não comporta a real necessidade de seu aprofundamento na formação docente, uma vez que, professores ainda produzem através de suas práticas pedagógicas, práticas limitadas e sexistas existentes na sociedade. Acredito que a formação do docente deveria ter uma responsabilidade mais ativa na questão de Gênero e Sexualidade, pois nós, educadores em formação, temos grande responsabilidade na formação das identidades sociais de seus alunos. Uma educação pautada no diálogo, na atenção constante à criança e ao estabelecimento de um vínculo de confiança; no ensinar sobre privacidade, o respeito ao corpo e limites; no esclarecimento de suas curiosidades, são essenciais para orientar e proteger de nossas crianças. A educação de gênero e sexualidade que a ala ultraconservadora tanto teme, é, na verdade, uma das formas mais eficazes de enfrentamento da violência sexual e discriminações, e de formação crítica e humana. (Estudante D)

A “ala ultraconservadora” mencionada no relato acima é a mesma que, há muito, tenta frear os avanços das discussões sobre as pautas de gênero e de sexualidade no país. Tais alcances, culminaram na criação do Programa Brasil sem Homofobia, que continham um projeto denominado de Caderno Escola sem Homofobia, com o objetivo de “contribuir para a implementação e a efetivação de ações que promovam ambientes políticos e sociais favoráveis à garantia dos direitos humanos e da respeitabilidade das orientações sexuais e identidade de gênero no âmbito escolar brasileiro” (2011, p. 9). Tal programa federal também se orientava por uma pesquisa qualitativa sobre a percepção de homofobia em escolas de 11 cidades brasileiras.

O projeto logo ficou conhecido como *Kit-Gay* e causou revolta em alguns setores, tendo o então Deputado Federal Jair Bolsonaro discursado na tribuna da Câmara dos Deputados em Brasília alertando sobre os possíveis perigos do projeto, alegando que o mesmo se tratava de um incentivo ao homossexualismo (sic) e a promiscuidade, como mostra um vídeo publicado em seu canal da plataforma *Youtube* (2020). Após esse e outros pronunciamentos, o projeto foi vetado pela então presidente Dilma Rousseff.

Anos depois, documentos legais do Ministério da Educação (MEC) sofreram alterações, antes de sua versão final, em decorrência da pressão de setores conservadores retrógrados que afirmavam uma possível “ideologia de gênero” e

tomaram medidas para que questões de gênero e sexualidade não estivessem na versão final da atual Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do Plano Nacional de Educação vigente (PNE) (SÊMIS, 2017).

Desde a época do veto do Caderno Escola sem Homofobia, tanto discussões sobre questões de gênero e sexualidade na educação quanto os termos “orientação sexual” e “identidade de gênero” têm sido excluídos da versão final de documentos oficiais do MEC, como foi o caso da BNCC e do PNE. Então, percebe-se que a tentativa de silenciar tais discussões advém de grupos ultraconservadores do Congresso Nacional, de representantes de religiões hegemônicas e de grupos organizados em redes sociais inclinados à ideias fascistas. (BRANDÃO; LOPES, 2018; MACEDO, 2017). Tais perspectivas equivocadas são, inclusive, incorporadas por estudantes da FAGED/UFC que também advogam o mesmo postulado:

Creio que o assunto não foi abordado de forma direta, mas apenas indiretamente. Na minha visão é um assunto que não deve ser abordado porque não cabe à universidade instruir, incentivar, ou significar o gênero ou sexualidade de ninguém. A meu ver, a única coisa que deveria ser ensinada é o respeito pela pessoa enquanto ser humano, independente do gênero, sexualidade, raça e outras questões. (Estudante E)

A citação destacada acima ilustra a adesão de uma narrativa excludente e distorcida decorrente do pânico moral sobre as questões de gênero e sexualidade no Brasil. Tais discursos reverberam nas ações cotidianas e enquadram pessoas e/ou instituições que se propõem a discutir tais questões como “incentivadoras da homossexualidade”, uma vez que há o medo de que “a mera menção da homossexualidade vá encorajar práticas homossexuais e vá fazer com que as/os jovens se juntem às comunidades gays e lésbicas” (BRITZMAN, 1996, p. 19), marcando o conhecimento e as pessoas como perigosos, predatórios e contagiosos.

Mesmo o relato acima sendo o único destoante dos demais apresentados, a fala representa as pessoas que possuem o mesmo pensamento na FAGED/UFC, dialogando com a ala ultraconservadora do País que tenta frear as discussões sobre as questões de gênero e sexualidade no campo política brasileiro, revelando um caráter discriminatório e excludente.

### Considerações finais

As análises aqui apresentadas, fruto de uma pesquisa monográfica, revelam que a formação inicial de docentes enfrenta processos de silenciamento e de

resistências, no que concerne a abordagem de temas ainda considerados tabus, a exemplo das categorias de gênero e sexualidade. Nesse sentido, uma formação docente preocupada com tais questões torna-se imprescindível, pois os muros da escola e da universidade não resistem ao preconceito e aos processos discriminatórios que geram violências.

Em alguns contextos educacionais, a formação de pessoas para o magistério ainda insiste em ignorar a importância que tais discussões assumem na vida dos sujeitos, e de como elas repercutem no cotidiano das relações sociais, culturais e educacionais, fato esse que se evidencia na fala de participantes dessa pesquisa.

Desmistificar as falácias de narrativas que fomentam o pânico moral sobre as questões de gênero e de sexualidade, é se posicionar a favor da igualdade, da dignidade e da liberdade, preceitos democráticos que se coadunam com a possibilidade legítima de querer ser, sentir e pensar. Assim, é fundamental que os currículos dos cursos de formação de professores contemplem as questões de gênero e sexualidade e suas implicações na educação. Um debate que seja pautado por uma perspectiva crítica e reflexiva, como é o próprio da academia.

## Referências

ABGLT. Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Secretaria de Educação. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015**: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016.

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. Não se meta com meus filhos: a construção do pânico moral da criança sob ameaça. **CADERNOS PAGU**, p. e185306, 2018.

BEAUVOIR, Simone. **Le deuxième sexe**. Paris: Gallimard, 1949.

BRANDÃO, E. R.; LOPES, R. F. F. “Não é competência do professor ser sexólogo”: o debate público sobre gênero e sexualidade no Plano Nacional de Educação. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 100-123, jan-abr. 2018.

BRASIL. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil sem Homofobia**: programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília, DF, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Censo da Educação Superior 2017**. Brasília, DF, 2017.

BRITZMAN, D. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan-jun 1996.

BOLSONARO, Jair. [www.bolsonaro.com.br](http://www.bolsonaro.com.br). Youtube. Disponível em: <https://youtu.be/ONfPCxKdGT4>. Acesso em: 06 mar. 2020.

CIRINO, Oscar. O desejo, os corpos e os prazeres em Michel Foucault. **Mental**, Barbacena, v. 5, n. 8, p. 77-89, jun. 2007.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO, UFC. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia Diurno**. FACED, UFC, 2013. Disponível em: <https://faced.ufc.br/wp-content/uploads/2018/09/versao-final-de-31-jan-2014-ppc-pedagogia-jan2014-1.pdf>. Acesso em: 01 set. 2020.

FOUCAULT, M. **Histoire de la sexualité: la volonté de savoir**. Paris: Gallimard, 1976. v. 1.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2009.

JACÓ-VILELA, A; CURADO, J. C. Estudos de Gênero na Psicologia (1980-2016): Aproximações e Distanciamentos. **PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO (ONLINE)**, v. 41, p. 01-16, 2021.

JUNQUEIRA, R. D. Currículo heteronormativo e cotidiano escolar homofóbico. **Revista Espaço do Currículo (Online)**, João Pessoa, v. 2, p. 208-230, 2010.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MACEDO, E. As demandas conservadoras do movimento Escola sem Partido e a Base Nacional Curricular Comum. **Educ. Soc., Campinas**, v. 38, n. 139, p. 507-524, abr-jun. 2017.

MEC. **Caderno Escola sem Homofobia**. Brasília. DF, 2009. Disponível em: <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/bGjqtqbyAxV88KSj5FGExAhHNjzPvYs2V8ZuQd3TMGj2hHeySJ6cuAr5ggvfw/escola-sem-homofobia-mec.pdf>. Acesso em: 7 maio. 2021.

OLIVEIRA, S.; NEVES, M. Y.; BRITO, J.; ROTENBERG, L. Relações sociais de sexo/gênero, trabalho e saúde: contribuições de Helena Hirata. **Saúde em Debate**, v. 45, p. 137-153, 2021.

POMPEU, S. L. E.; SOUZA, E. M. A Discriminação Homofóbica mediante o Humor: naturalização e manutenção da heteronormatividade no contexto organizacional. **ORGANIZAÇÕES & SOCIEDADE (ONLINE)**, v. 26, p. 645-664, 2019.

SEMIS, L. **"Gênero" e "orientação sexual" têm saído dos documentos sobre Educação no Brasil**. Por que isso é ruim?. Nova Escola, São Paulo, 11 abr. 2017. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/4900/os-terminos-genero-e->

orientacao-sexual-tem-sido-retirados-dos-documentos-oficiais-sobre-educacao-no-brasil-por-que-isso-e-ruim. Acesso em: 02 jul. 2020

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 5-22, jul/dez. 1990.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Anuário Brasileiro da Educação Básica**. 2019. Disponível em: <https://www.todospelaeducacao.org.br/uploads/posts/302.pdf>. Acesso em: 29 maio. 2020.

WARNER, Michael. **Fear of a Queer Planet: queer politics and social theory**. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 1993.

Recebimento: 02/05/2022

Aprovação: 17/06/2022



Q.Code

### Editores-Responsáveis

Dr. Enéas de Araújo Arrais Neto, Universidade Federal do Ceará, UFC, Ceará, Brasil

Dr. Sebastien Pesce, Universidade de Orléans, França